



sandro BRUSCHI júlio CARRILHO luís LAGE

edições fapf

era uma vez uma palhota...  
*história da casa moçambicana*

PORTA E  
E ESTAC

## Índice

### Apresentação

José Forjaz

V

### Breve nota histórica

Sandro Bruschi

Como mudou a percepção da arquitectura africana	01
Os tipos de casa de África antiga, esquematizando uma situação complexa	03
A casa de planta redonda com edifícios cilíndricos e com cobertura cónica	04
A difusão da casa rectangular de tipo Swahili	08
Para concluir: uma arquitectura em evolução	12
Bibliografia	13

### Recolha iconográfica

Sandro Bruschi, Júlio Carrilho e Luís Lage

A aparente confusão de linguagens	17
A casa circular com edifícios cilíndricos do fim do século XIX até hoje	18
Levantamento de uma casa em Gaza	20
O valor simbólico da vedação circular	23
Edifícios anulares	24
Decoração mural dos edifícios cilíndricos	25
A transformação da planta circular em quadrada e os edifícios de dois andares	26
A influência recíproca entre arquitectura colonial e arquitectura tradicional: a casa de caniço e a palhota de pedra e cal	28
<i>texto de apoio: A palhota cilíndrica, a casa Swahili e a história complicada das suas transformações</i>	29
A casa Swahili com telhado em duas águas, estrutura, acabamento e cobertura em palmeira	30
A casa Swahili com telhado em quatro águas, paredes acabadas com matope e varanda	31
Levantamento de casas do litoral de Cabo Delgado	33
Campo e cidade	35
Decoração mural na casa tipo Swahili	36
<i>texto de apoio: Ânسيا de urbanidade: os "prédios" em pau-a-pique</i>	37
Os edifícios rectangulares de dois andares	38
A influência da casa Swahili na arquitectura colonial	41
<i>texto de apoio: Arquitectura tradicional, arquitectura pobre ... ou, mais simplesmente, arquitectura</i>	43
Os novos tipos rurais	44
Os novos tipos urbanos: os modelos na arquitectura formal	46
A casa com cobertura "em ventoinha"	47
<i>texto de apoio: Uma dúvida: existiam cidades na África antiga?</i>	48

## **Apresentação**

Em Moçambique a grande maioria das pessoas e das famílias vive em casas construídas por si próprias ou pelo esforço colectivo da família ou da comunidade. Os conhecimentos necessários para cumprir esse acto técnico são o produto da evolução de uma cultura material antiquíssima e com níveis de sofisticação que não são imediatamente percebidos por observadores menos atentos, e preparados, para uma análise multidisciplinar desta arquitectura, tão variada e tão rica de espacialidade e de forma.

A nossa Faculdade, que tem responsabilidades únicas no panorama técnico e cultural do país, procurou sempre, desde o início da sua actividade formativa e de investigação, interessar estudantes e professores pelos aspectos caracterizadores do ambiente construído moçambicano, para assim poder melhor compreender e melhor responder ao que a sociedade de nós espera.

Não tem sido fácil esta luta pois que esse estudo só pode ser verdadeiramente aprofundado ao longo de um processo de investigação que envolve necessariamente outras disciplinas, técnicas e das ciências humanas, que não se conjugam ainda, facilmente, á volta de temas como o do habitat humano. Difícil ainda pois que os modelos e os sistemas didácticos consagrados não são sensíveis às dimensões de uma realidade que lhes é desconhecida e longínqua. Difícil, finalmente, porque a actividade profissional, que se desenvolve primariamente no ambiente urbano, não motiva nem estimula um interesse mais imediato por aquelas dimensões do nosso *genius loci*.

O património arquitectónico vernáculo moçambicano abrange vastas regiões ecológicas e diversos sistemas de estruturação social, cujo conhecimento é indispensável á compreensão dos seus processos construtivos.

É a compreensão da natureza desse processo, e das suas íntimas relações com o quadro de vida rural, prevalecente na sociedade moçambicana, que interessa interiorizar para, através da análise da sua dinâmica de transformação, perceber as novas determinantes duma arquitectura que melhor possa servir a nossa sociedade. Por outras palavras: só conhecendo melhor quem somos e de onde vimos poderemos melhor definir para onde devemos ir na criação de uma expressão endógena das maneiras de habitar em Moçambique

Numa sociedade em acelerada urbanização os modelos do habitat rural não são mais adaptáveis, quer na sua tecnologia quer no seu processo económico e construtivo e menos ainda nas suas relações cosmogónicas, ás novas maneira de habitar a cidade post colonial.

Esta publicação que os investigadores da nossa Faculdade Sandro Bruschi, Júlio Carrilho e Luís Lage nos trazem agora é uma excelente contribuição ao debate, para nós tão vital, sobre as raízes e as razões de ser de um espaço urbano e de uma arquitectura nos quais os moçambicanos se sintam em casa.

Para com eles, portanto, ficamos mais uma vez com esta dívida de gratidão pelo esforço e qualidade deste valioso contributo á produção científica da FAPF.

José Forjaz

20 de Agosto de 2005